

O zoneamento morfológico funcional de Pará de Minas – MG, Brasil

Morpho-functional zoning of Pará de Minas – MG, Brazil

Thiago Canetti

Doutorando em Geografia pela UFMG.

thiago.canetti@gmail.com

Carolina Ribeiro

Mestranda em Geografia pela PUC-Minas

carolbarbosa23@gmail.com

Isabela Dalle Varela

Doutoranda em Geografia pela PUC-Minas

dalle varela@gmail.com

Terezinha Queiroz

Mestranda em Geografia pela PUC-Minas

tetequeiroz@gmail.com

Ana Márcia Moreira Alvim

Professora do programa de pós-graduação em geografia da PUC-Minas

ammalvim@gmail.com

Alexandre Magno Alves Diniz

Professor do programa de pós-graduação em geografia da PUC-Minas

dinizalexandre@terra.com

Artigo recebido para revisão em 03/07/2015 e aceito para publicação em 08/11/2015

Resumo

As cidades médias se tornaram importantes centros intermediários desempenhando funções como a retenção de população, prestação de serviços essenciais, oferta de estabelecimentos comerciais e de produção. No presente artigo analisa-se o zoneamento morfológico funcional da cidade de Pará de Minas (MG), tendo como base analítica o modelo proposto por Amorim Filho (2005), no qual o autor identifica quatro zonas no espaço intraurbano das cidades médias mineiras e explica a organização de cada uma delas descrevendo as funções urbanas nelas desempenhadas. Para tanto foram realizados trabalhos de campo no município, complementados por dados secundários referentes à condição sociodemográfica de Pará de Minas. Com isso foi possível elaborar um quadro do zoneamento morfológico-funcional de Pará de Minas, que se apresentou bastante afinado com os postulados de Amorim Filho (2005), embora sejam necessárias algumas ressalvas.

Palavras-chave: Cidades médias; Zoneamento morfológico-funcional; Espaço intraurbano

Abstract

Mid-sized cities became important centers which present intermediate functions such as retention of population, provision of essential services, shopping centers and productive sectors. In this article the authors analyze the morphological functional zoning of Pará de Minas (MG) based on the model proposed by Amorim Filho (2005). In his analysis the author identifies the organization and compartmentalization of the intraurban space of mid sized mining cities pointing to the functions and

forms of these areas as well as their influences. In this paper one could find that the model was well consistent with the reality of Pará de Minas, although some adjustments are necessary.

Keywords: Mid-sized cities; morpho-functional zoning; Intraurban space

1. INTRODUÇÃO

A temática referente às cidades médias ganha grande importância entre as décadas de 1950 e 1960 na ciência geográfica na Europa, e, em especial, na França. Naquele país tais cidades passaram a ser objeto de diversas políticas públicas no intuito de aprimorar o “*Aménagement du Territoire*” que inspirou o trabalho pioneiro de Jean François Gravier, intitulado “*Paris et le désert français*”, publicado em 1947. A partir daí muitos estudos foram desenvolvidos a fim de se entender a organização da rede urbana europeia e frequentemente focavam a análise dos centros intermediários como forma de equilibrar a rede urbana.

No Brasil, Amorim Filho (1976) foi um dos primeiros no desenvolvimento de trabalhos sobre as cidades médias brasileiras, já em meados dos anos de 1960, sob forte influência da geografia francesa. Amorim Filho (1976; 2005) dedicou-se ao estudo conjunto tanto da rede urbana de Minas Gerais como, também, da organização interna das cidades médias mineiras.

Desde então, observam-se no Brasil crescentes níveis de complexidade da rede urbana, onde a sua organização e as interações nela presentes se dão de forma mais intensa e integrada, fazendo com que as cidades médias se tornem importantes centros intermediários, responsáveis por funções estratégicas tais como: a retenção de população, prestação de serviços essenciais, oferta de bens, além da presença de unidades de produção. A materialização dessas funções, por sua vez, dota as cidades médias de características internas próprias que merecem a nossa atenção.

O artigo apresenta a análise do zoneamento morfológico funcional da cidade de Pará de Minas (MG), tendo como base analítica o modelo proposto por Amorim Filho (2005). Nesse modelo o autor apresenta a organização das atividades e ocupações, focando a compartimentação do espaço intraurbano das cidades médias mineiras apontando as funções e formas predominantes, bem como suas áreas de influência.

Trata-se de importante empreitada, uma vez que, como apontam Amorim Filho, Rigotti e Campos (2006), pouco se fala sobre a estrutura morfológico funcional das cidades médias, apesar do estratégico papel que cumprem no equilíbrio das redes urbanas. Além disso, Alves e Diniz (2008) lembram que os estudos morfológicos funcionais das cidades médias apontam novas perspectivas, permitindo à Geografia, dada à sua histórica preocupação com a posição, o sítio e a forma das cidades, aparecer como protagonista no desenvolvimento de projetos acerca da estrutura morfológico funcional dos centros urbanos médios.

O município de Pará de Minas faz parte da Mesoregião Metropolitana de Belo Horizonte e integra, pela Constituição Estadual de Minas Gerais de 1989, o chamado Colar Metropolitano (CONTI, 2009), sendo o terceiro maior em população. Está à oeste da capital Belo Horizonte, encontrando a sua sede a uma distância de 73 quilômetros daquela cidade. (Figura 1). Pará de Minas é um município extenso, com 551 km², mas que conta com uma pequena área urbana contínua situada na sua porção central, que é cortada pela rodovia federal BR-262.

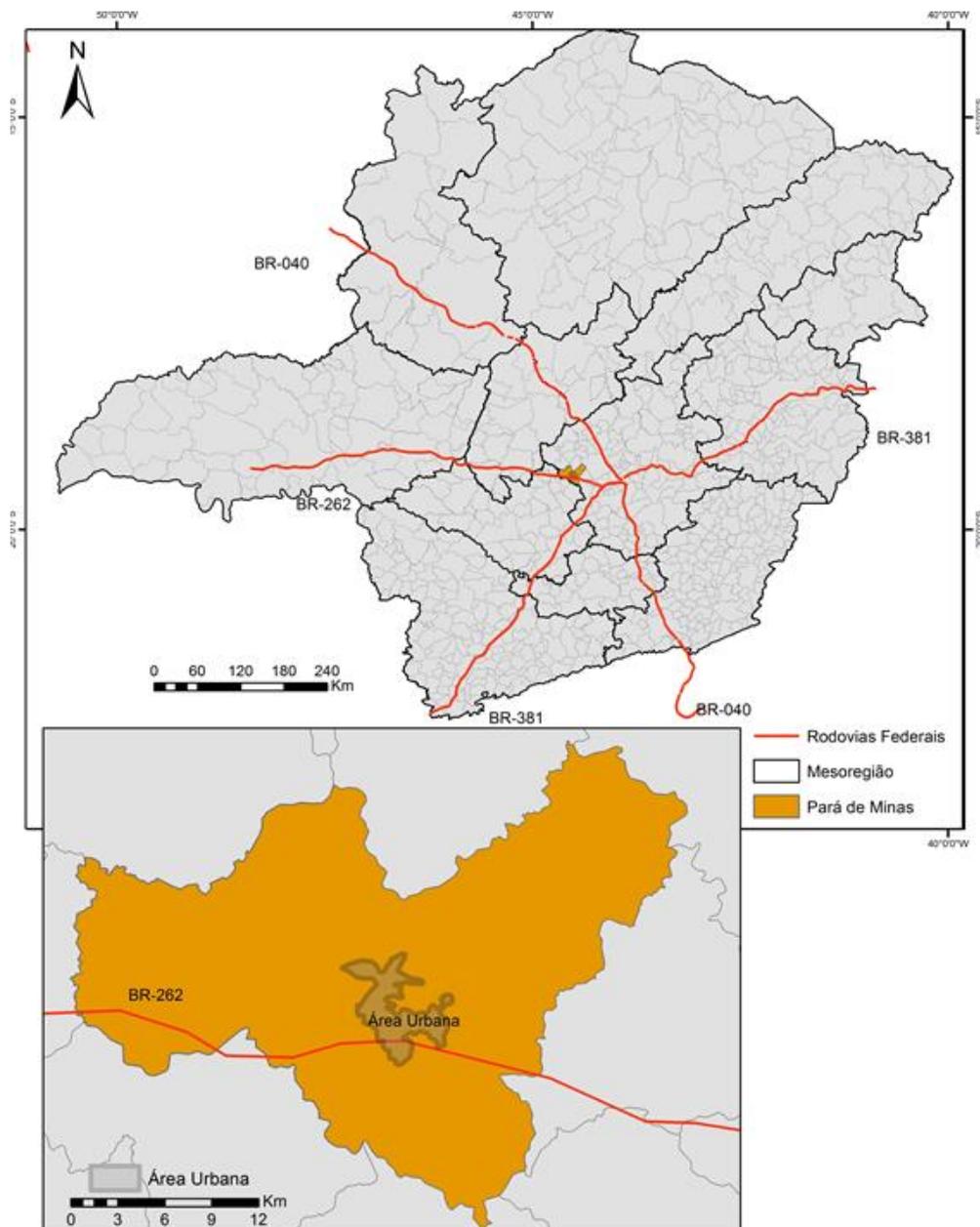


Figura 1 - Localização de Pará de Minas
Fonte: IBGE, 2010 – Elaboração dos autores

Desde a primeira classificação das cidades médias feita por Amorim Filho, Taitson Bueno e Abreu (1982), Pará de Minas foi considerada cidade média propriamente dita (AMORIM FILHO, RIGOTTI, CAMPOS, 2007), isso em decorrência, principalmente, de sua função de intermediadora:

Em suas relações externas, as cidades incluídas no grupo das médias (propriamente ditas) são caracterizadas por certos aspectos bem peculiares. De um lado, tendo em vista seu nível atual de desenvolvimento econômico, sua posição geográfica sempre nos eixos ou entroncamentos principais das vias de comunicação, essas cidades mantêm relações importantes com centros maiores (...). De outro lado, essas cidades médias continuam a manter relações intensas, constantes e diretas com as cidades menores e com o espaço microrregional a elas ligado. É essa função de ligação entre o espaço rural e as pequenas cidades microrregionais, de uma parte, e os centros urbanos mais importantes, de outra, que constitui a própria essência dessa noção de cidade média, tão bem identificada nesse grupo de cidades. (AMORIM FILHO; TAITSON BUENO; ABREU, 1982, p. 43)

2. SOBRE AS CIDADES MÉDIAS

As cidades médias são elementos essenciais para se entender a realidade de uma rede urbana. São elementos que contribuem para o equilíbrio regional, pois podem reter a população, organizando a demanda, não apenas local, mas também regional, através de um controle de fluxos migratórios e atividades econômicas que encontram na dinâmica das cidades de porte médio as condições favoráveis ao desenvolvimento.

Tratando-se dos aspectos funcionais, Lajugie (1973) expressa que as cidades médias correspondem, em uma primeira aproximação, a centros urbanos dotados de equipamentos públicos e privados suficientes para constituir foco de atividade e vida, capazes de exercer, dentre outros, um papel fundamental que seria o de acolher e fixar os migrantes do mundo rural, dando condições de moradia e trabalho e, dessa forma, minimizando o processo migratório em direção aos centros urbanos de hierarquia superior.

Pode-se perceber pela definição de cidades médias de Lajugie (1973), que o fator demográfico não é o único aspecto a ser analisado para a definição de uma cidade média. Em outros termos, esse economista regional alega que o número de habitantes não é, sozinho, um critério suficiente para a classificação de uma cidade como média. Embora não negligenciando o fator demográfico, esse autor (de forma cautelosa) considera que:

[...] a título de primeira aproximação, as cidades médias se situam entre 20.000 e 200.000 habitantes, mas que, em certas regiões de baixa densidade demográfica, aglomerações mais reduzidas podem desempenhar tal papel. (LAJUGIE, 1973, p. 22)

Sendo assim, muito mais que um aglomerado de pessoas, a cidade média deve ser um centro urbano em condições de atuar como suporte para as atividades sociais e econômicas de sua hinterlândia, a partir da diversificação e diferenciação territorial de sua base produtiva, funcionando como uma espécie de relé na sua rede urbana.

Em consonância com Lajugie (1973), Amorim Filho (1976) apresenta sete critérios para identificação e classificação das cidades médias: 1) capacidade de manter interações com cidades

maiores e menores; 2) condição necessária para estabelecer relações de dinamização com o espaço rural que a envolve; 3) autonomia dos equipamentos de relações externas; 4) integrar uma rede de cidades, cuja intensidade e grau de conectividade facilite interações; 5) estrutura morfológica interna em consonância com a sua posição (em geral apresenta um centro funcional, podendo apresentar um número variável de subcentros espalhados pela área urbana, além de uma periferia); 6) tamanho demográfico, estrutura interna e relações externas compatíveis com seu papel, embora possam variar bastante; e 7) não deve ser confundida necessariamente com a noção de centro de polarização regional ou microrregional.

Amorim Filho (2005) desenvolveu uma série de estudos sobre as cidades médias de Minas Gerais nos quais observou, considerando sempre as diferenças socioeconômicas e culturais e aspectos da geografia física, como o sítio urbano, os padrões de zoneamento morfológico das cidades médias, alegando que esses tendem a repetir-se. A partir dessa constatação, desenvolveu-se um modelo geocartográfico orientador, apresentando na figura 02:

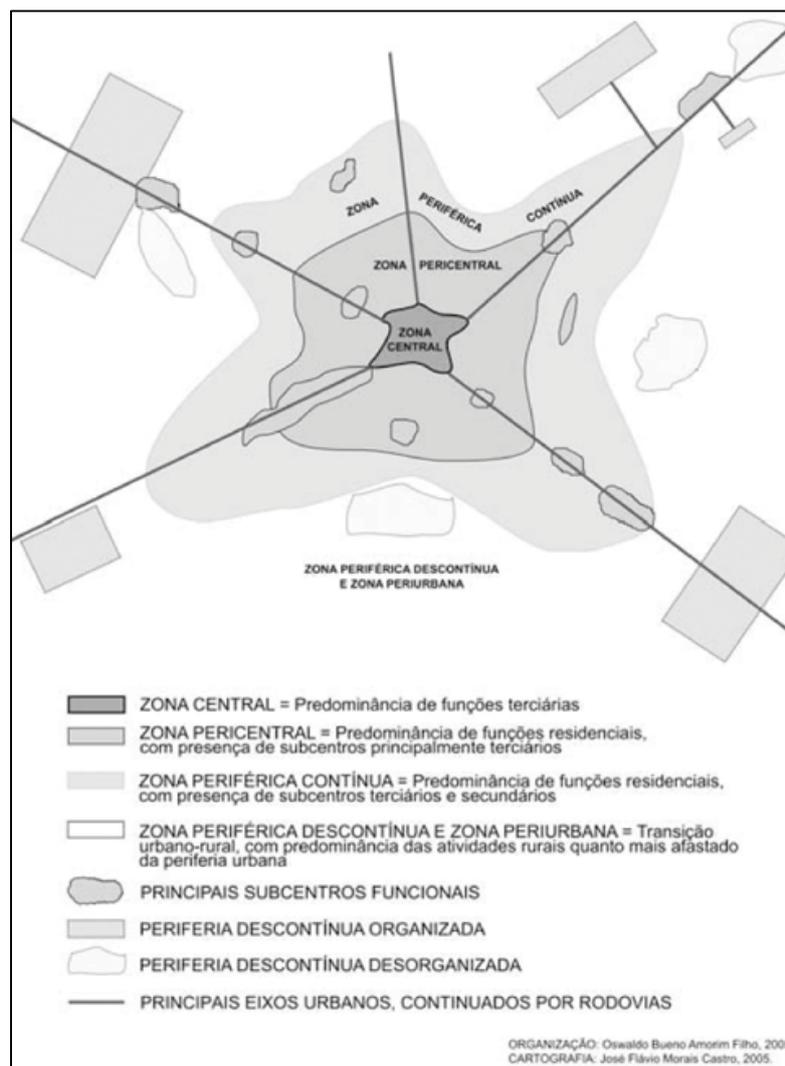


Figura 2 - As grandes divisões morfológico-funcionais de uma cidade de porte médio (modelo)

Fonte: Amorim Filho, 2005, p.61

Nesse sentido, a estrutura morfológica e funcional do meio urbano seria um dos critérios para caracterizar, identificar e classificar as cidades médias. Como descreve Del Rio (1991, p.71), a morfologia urbana pode ser entendida como o “[...] o estudo analítico da produção e modificação da forma urbana no tempo, preocupando-se com o tecido urbano e seus elementos construídos.” Tendo como base o modelo de Amorim Filho (2005), pode-se falar em quatro áreas principais no interior das cidades médias mineiras: 1) Zona Central; 2) Zona Pericentral; 3) Zona Periférica (contínua e descontínua); e 4) os Subcentros.

Sobre a área central destaque-se ser esta bem definida funcionalmente. Deve-se considerar que, frequentemente, a área central é o espaço de habitat mais denso da cidade, concentrando as principais atividades comerciais, de serviços, de gestão pública e privada além dos terminais de transporte inter-regionais e intraurbanos. A zona central se notabiliza na paisagem urbana das cidades médias pela densidade de suas construções, incluindo processos de verticalização, por vias mais alargadas, e pelo grande movimento de pessoas e veículos.

A zona pericentral constituída pelos bairros circundantes à área central faz a transição geográfica para as áreas periféricas, tendendo a apresentar-se espacialmente de forma mais extensa. Em geral, predomina nessa zona a função residencial, porém, intercalados a essas áreas residenciais é possível observar equipamentos do setor terciário. Também é comum a presença de equipamentos especiais como hospitais e universidades.

A zona periférica pode ser dividida em contínua, que representa um prolongamento da zona pericentral, reproduzindo a característica residencial e diminuindo a representatividade das atividades econômicas; e em zona periférica descontínua, formada por loteamentos (unidades organizadas) ou ‘vilas’ (unidades desorganizadas).

Ao longo da zona periférica é possível encontrar os chamados subcentros. Os subcentros são responsáveis por fornecer bens e serviços que permitem à população local acessá-los sem a necessidade de deslocamento até a área central. Geralmente são altamente especializados na oferta de serviços ou de bens.

Com base nessas referências, procedeu-se a análise do espaço urbano de Pará de Minas.

3. ESTUDO DE CASO – PARÁ DE MINAS

Segundo o IBGE, conforme o Censo Demográfico de 2010, o município de Pará de Minas tinha uma população de 84.215 pessoas, das quais 79.599 eram residentes na área urbana (94,52%) e 4.616 na área rural (5,48%). Atualmente a estrutura da população se assemelha com o previsto pelo modelo da transição demográfica em curso no Brasil. Ou seja, os grupos etários de crianças e adolescentes não são os mais significativos, como já foram nos anos de 1970. Hoje a maior parte da

população está entre os 15 e 39 anos de idade, representando o que na demografia convencionou-se chamar de janela demográfica.

Em termos econômicos, observa-se que o Produto Interno Bruto municipal deu grande salto entre 1970 e 1980, passando de 90 milhões de reais para 280 milhões. Entre 2000 e 2010 o município viveu outra grande fase de crescimento, tendo a sua produção interna passado de 411 milhões, em 2000, para 737 milhões de reais, em 2010. Pará de Minas ocupa, hoje, no ranking das cidades mineiras, a 36ª posição em termos de geração de riquezas (IBGE, 2014). Ao longo de sua história, destacaram-se os setores e serviços e o industrial, especialmente as indústrias alimentícias, têxteis e siderúrgicas. Embora em termos absolutos o agropecuário seja o setor da economia que menos participa na geração total de riquezas municipais, ele se destaca por empregar importante parcela da população local. Destaque-se que Pará de Minas é o maior produtor de frangos do Estado de Minas Gerais, representando uma importante campo de empregos e de geração de renda para o município.

Economia e demografia são elementos importantes para compreender a estrutura morfológica e funcional de uma cidade. Elas representam, em grande medida, o grau de inserção da cidade no processo de desenvolvimento, embora sejam elementos que mereçam ser sempre relativizados. Como foi descrito, é objetivo deste trabalho interpretar a estrutura interna do município de Pará de Minas a partir da proposta teórica de Amorim Filho (2005).

Para entender a sua estrutura interna, deve-se ressaltar a posição da cidade em relação à região na qual ela se localiza. Pará de Minas está na porção central de Minas Gerais, na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte; à oeste da capital (Figura 1). O município é cortado por duas rodovias federais e a sua posição geográfica contribuiu para que Pará de Minas desempenhasse no passado a função de provedor de alimentos para as cidades mineradoras e, posteriormente, para a formação de um entreposto ferroviário no município que ligava a capital ao Triângulo Mineiro. Por outro lado, a sua posição conspira desfavoravelmente à sua evolução nos dias de hoje. Pelo fato de estar muito próxima à região metropolitana de Belo Horizonte e a outras cidades médias mais desenvolvidas socioeconomicamente, Pará de Minas sofre a concorrência direta desses núcleos urbanos na atração de investimentos e pessoas. Ainda assim, deve-se lembrar que Conti (2009) considera a rede urbana do Oeste Mineiro, na qual Pará de Minas está inserida, uma das redes urbanas mais equilibradas do estado.

Os estudos acerca da morfologia urbana não podem prescindir do exame do sítio no qual a cidade se assenta. Pará de Minas está posicionada sobre o substrato geológico ligado ao embasamento meridional do cráton do São Francisco, englobando, principalmente, os terrenos TTG (Tonalito-Trondhjemitó-Granodiorito) (CPRM, 2012). Esse tipo de terreno tende a ter uma aptidão favorável à produção agrícola, uma vez que é influenciado por antigos derramamentos magmáticos ricos em nutrientes. O relevo de Pará de Minas é predominantemente sinuoso, tendo boa parte de sua extensão

coberta por áreas onduladas, encontrando-se a sede municipal a uma altitude de 792 metros acima do nível do mar. O município é banhado por vários pequenos rios e córregos, que fazem parte da Bacia do São Francisco, tendo a cidade se estabelecido às margens do Ribeirão Paciência, ocupando parte dos seus depósitos aluvionares, marcados por ondulações mais suaves, que favoreceram o desenvolvimento urbano.



Figura 3 - Imagem da área urbana de Pará de Minas

Fonte: Campo – Fotografia dos Autores

A figura 03 traz aspectos referentes ao sítio de Pará de Minas. Note-se que a cidade tem a sua organização morfológico-funcional orientada, em grande medida, pelo sítio. As partes mais antigas da cidade – o centro principal – está localizado exatamente sobre os depósitos aluvionares, ao longo do Ribeirão Paciência. Outro aspecto que chama a atenção é o fato de a área urbana do município ser praticamente toda contínua, sem a presença de grandes hiatos ou vazios urbanos.

A mancha urbana encontra-se disposta nas porções mais baixas e aplainadas do sítio, sendo cercada por formações escarpadas. Dessa forma, o sítio contribui para o desenvolvimento contínuo da mancha urbana, bem como, estabelece a direção do seu crescimento. As áreas elevadas e escarpadas da serra da Piteira limitam o crescimento urbano a norte e a oeste da Zona Central de Pará de Minas, fazendo com que a mancha urbana se desenvolva Noroeste à Sudeste.

Quanto à estrutura interna, Pará de Minas apresenta relativa complexidade, sendo constituída por um núcleo central antigo e subcentros secundários, que atuam de forma a organizar o espaço intraurbano, oferecendo, de maneira bem distribuída os serviços comumente encontrados nas áreas centrais. Existem ainda algumas áreas periféricas descontínuas à noroeste, sudoeste e sudeste. Isso indica a direção dos vetores de crescimentos da área urbana de Pará de Minas. A cidade desenvolve um padrão orientando no sentido norte-sul, crescendo na direção das duas rodovias federais que cortam o município (Figura 4).

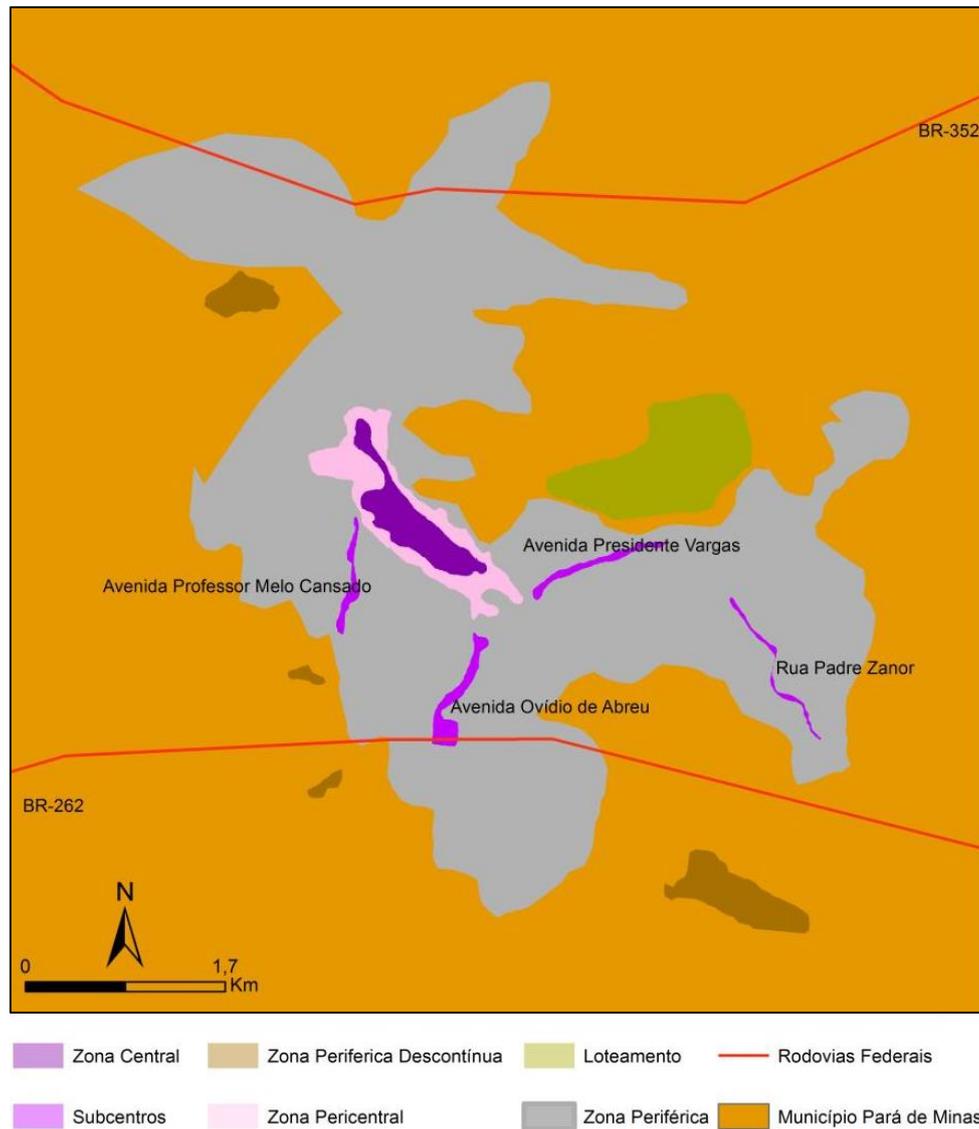


Figura 4 - Zoneamento Morfológico Funcional de Pará de Minas
Fonte: Informações coletadas em campo – Elaboração dos Autores

A área urbana de Pará de Minas desenvolveu-se entre as rodovias federais BR-352 no Norte do município e BR-262 ao sul. Observa-se na porção central a Zona Central circunscrita à Zona Pericentral. Próxima à ela, encontram-se três dos quatro subcentros, dois à Sul (Avenida Professor Melo Cansado e Avenida Ovídio de Abreu) e um à Nordeste (Avenida Presidente Vargas). O quarto e menor subcentro está mais distante, à Leste da área Central (Rua Padre Zanor). Há ainda as Zonas Periféricas Descontínuas, sendo três localizadas mais próximas à BR-262 e, apenas uma mais ao Norte da área urbana. Cabe destacar que Pará de Minas possui um padrão de crescimento urbano predominantemente contínuo, que se espalha a partir de sua área central (Figura 5). No entanto, existem, como exceção, quatro zonas periféricas descontínuas e um loteamento que ainda está em fase inicial de construção que não possuem ligação direta de área construída com a mancha urbana

principal da cidade. No entanto, observa-se que a tendência é sua futura união, já que o crescimento dessas áreas é direcionado para a área central seguindo a orientação das vias existentes.



Figura 5 - Imagem panorâmica de Pará de Minas

Fonte: Campo – Fotografia dos autores

A área central coincide com o centro histórico de Pará de Minas, onde se localiza a estação ferroviária, que representou em épocas passadas ponto de referência, exercendo centralidade não apenas para a população da própria cidade, mas também para toda a região. A exemplo de outras cidades médias do estado, nessa área central também encontram-se presentes a praça da estação e a Igreja Matriz. No entanto, hoje, em torno dessas áreas tradicionais do centro histórico observam-se diversos serviços e comércios instalados. Esse tipo de função supera a função residencial, como apontado na literatura sobre o tema. Observa-se também importante verticalização, fato que a distingue das paisagens das demais zonas funcionais de Pará de Minas, como observado na figura 06.



Figura 6 - Imagens da Zona Central (Exemplo de verticalização na área histórica e via de comércio)

Fonte: Campo – Fotografia dos autores

A Zona Pericentral, como afirmou Amorim Filho (2005), corresponde à transição da área central para a periférica. Nessa área encontram-se a superposição das funções residencial, comercial e de serviços básicos. Também, divisa-se certo grau de verticalização, embora em menor intensidade

e volume do que aquela observada na área central. Todas essas características podem ser observadas na figura 07, onde se vê uma residência de apenas um nível à esquerda, e um pequeno prédio, também à esquerda, porém, mais ao fundo na paisagem. Observam-se, ainda, à direita e ao fundo, algumas pequenas lojas.



Figura 7 - Imagem da Zona Pericentral – cruzamento das Ruas Prof. Pereira da Costa e Maestro Spínola
Fonte: Campo – Fotografia dos autores

Em quatro áreas foram identificados subcentros, postados ao longo de vias importantes da cidade, onde estão presentes estabelecimentos comerciais e de serviços que atendem às necessidades da população da zona periférica. A paisagem dessas áreas também é bem característica, sendo marcada por considerável verticalização, embora em menor proporção do que aquela observada na Zona Central.

Como é descrito na literatura, frequentemente os subcentros das cidades médias tendem a se especializar na oferta de determinados bens e serviços, em função das vantagens locacionais da aglomeração (AMORIM FILHO, 2005; ALVES, DINIZ, 2008; CORTEZZI, 2011). A figura 08 traz o exemplo de três subcentros especializados: o subcentro da Avenida Professor Melo Cançado oferece serviços relativos a automóveis; no da Avenida Presidente Vargas encontram-se os depósitos e lojas de materiais de construção; e naquele localizado ao longo da Avenida Ovídio de Abreu, lojas elétricas e mecânicas especializadas em caminhões.



Figura 8 - Imagens dos Subcentros – Da esquerda para a direita: Avenida Professor Melo Cansado; Avenida Ovídio de Abreu; Avenida Presidente Vargas (**Fonte:** Google Street View)

A zona periférica de Pará de Minas representa bem a descrição elaborada por Amorim Filho (2005), sendo composta predominantemente pela função residencial. O arruamento é caracterizado por vias mais estreitas, enquanto a paisagem apresenta baixa ou nenhuma verticalização. Na figura 09 observa-se essa baixa densidade construtiva e os baixos níveis de verticalização, exemplo da rua Antônio Praxedes da zona periférica.



Figura 9 - Imagem da área Periférica Contínua – cruzamento das Ruas Treze de Maio e São Pedro
Fonte: Campo – fotografia dos autores

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base o modelo proposto por Amorim Filho (2005), buscou-se neste trabalho aplicá-lo no estudo morfológico funcional de Pará de Minas, caracterizada pelo autor como uma Cidade Média Propriamente Dita. Dessa forma, foi possível entender a estrutura urbana da cidade, retratando de forma detalhada suas zonas morfológicas funcionais.

Como já foi exposto durante o texto, o que caracteriza uma Cidade Média é principalmente a capacidade dela manter interação com as demais cidades da rede urbana na qual está inserida; a capacidade de manter certa autonomia quanto à criação de equipamentos; uma evolução morfológica urbana que seja coerente com suas características; a presença de um centro complexo, que exerça influência para além dos limites físicos territoriais; e a presença de subcentros em desenvolvimento. (AMORIM FILHO, 1982).

Deve-se, ainda, levar em consideração as diversas classificações de Cidades Médias feitas por Amorim Filho (1982): cidades médias de nível superior, cidades médias propriamente ditas e centros urbanos emergentes. As Cidades Médias Propriamente Ditas são de fato intermediárias, tanto no tamanho demográfico, quanto nas suas funções econômicas. Ou seja, para Amorim Filho (1982), tais cidades devem ter uma população entre 20.000 e 100.000 habitantes, situarem sempre em eixos ou entroncamentos de importantes vias de comunicação e manter relações intensas e constantes com as demais cidades de seu espaço microrregional.

Sendo assim, ao verificar as características de Pará de Minas é possível caracterizá-la como uma cidade média propriamente dita. Apesar de não ser considerado por muitos como um fator preponderante para a caracterização de uma cidade média, a população de Pará de Minas encontra-se na faixa dada por Amorim Filho. De acordo com os dados do IBGE, Pará de Minas em 2010 possuía uma população de 84.215 pessoas e em 2013 sua população estimada era de 89.418 habitantes.

A cidade média deve ser um centro urbano em condições de atuar como suporte para as atividades sociais e econômicas de sua hinterlândia. Como já foi dito, e essa intermediação é perceptível em Pará de Minas. Hoje seu parque industrial é preenchido principalmente pelas agroindústrias e siderúrgicas. O município oferece mão de obra, serviços, saúde e faculdades. O mesmo pertence a regionalização centro-oeste da região chamada perimetropolitana de Belo Horizonte, (CONTI, 2009). Encontra-se na porção leste desta regionalização, a uma distância de menos de 100 km do centro de Belo Horizonte. Com possível conurbação com a cidade de Itaúna, em suas proximidades localizam alguns importantes centros regionais como Nova Serrana, Sete Lagoas e Divinópolis, essa última desempenha um forte papel de polo regional da regionalização centro – oeste da região perimetropolitana. A parte sul dessa região é delimitada pela rodovia BR-381 e, ao sudoeste, Represa de Furnas, curso do Rio Grande.

Quanto à estrutura interna, Pará de Minas apresenta relativa complexidade, com a presença de subcentros secundários especializados, como já citado anteriormente estando os demais serviços oferecidos na cidade bem distribuídos por seu espaço urbano. Como exposto no texto, existem ainda algumas áreas periféricas descontínuas ao noroeste, sudoeste e sudeste. Isso indica a direção dos vetores de crescimentos da área urbana de Pará de Minas. A cidade desenvolve um padrão orientando no sentido norte-sul, crescendo na direção das duas rodovias federais BR352 e BR262, que cortam o município. Possui um padrão de crescimento urbano predominantemente contínuo, que se espalha a partir de sua área central.

Tendo como base o modelo desenvolvido no trabalho de Amorim Filho (2005) destaca-se que em Pará de Minas se observa uma grande correlação dos fenômenos em uma cidade média embora exista complexidade característica da realidade. Observa-se que a evolução do tecido urbano de Pará de Minas segue a orientação no sentido dos eixos urbanos e rodovias, com a presença de subcentros espalhados sobre a zona periférica contínua e assim, se tem uma organização espacial das zonas morfológicas-funcionais semelhantes às do modelo em questão. No entanto, de maneira geral, em dois aspectos o zoneamento morfológico-funcional se distancia do modelo proposto por Amorim Filho (2005). Primeiramente deve-se destacar a inexistência de periferias descontínuas organizadas e a baixa densidade de periferias descontínuas desorganizadas. Ademais, em Pará de Minas não há uma zona periurbana como proposta no modelo, nota-se que a passagem da periferia para a área rural é abrupta, assim como ocorre em Oliveira e foi constatado por Cortezzi (2011), autor que também aplicou o modelo de Amorim Filho (2005) porém no contexto de Oliveira.

Tanto Cortezzi (2011) analisando Oliveira, como Alves e Diniz (2008) analisando Barão de Cocais encontraram no modelo de Amorim Filho (2005) alta correspondência com a realidade embora tenham destacado características peculiares de cada espaço em análise. Em resumo, o presente trabalho trouxe contribuições para os estudos da morfologia urbana das cidades médias e nos mostrou a importância dos estudos exploratórios uma vez que esses podem servir de subsídio para o gerenciamento e planejamento dos espaços urbanos.

REFERENCIAS

- ALVES, M. A. S.; DINIZ, A. M. A. O Zoneamento Morfológico Funcional das Cidades Médias Mineiras: O Exemplo de Barão de Cocais. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.20, n.2, p.79-91, 2008.
- AMORIM FILHO, O. B. Patos de Minas: uma cidade média em Minas Gerais e sua região. **Geografia**, Rio Claro, v. 3, n. 5, p. 58-69, 1978.
- AMORIM FILHO, O. B. Um esquema metodológico para o estudo das cidades médias. In: **ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS**, 1976, Belo Horizonte. Anais do Encontro Nacional dos Geógrafos. Belo Horizonte: ENG, 1976.
- AMORIM FILHO, O. B. Um modelo de Zoneamento Morfológico funcional do Espaço Intra-Urbano das Cidades Médias de Minas Gerais. In AMORIM FILHO, O.B. ; SENA FILHO, N. **A morfologia das Cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 17-68
- AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.. Os Limiões Demográficos na Caracterização das Cidades Médias. In: **XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 2002, Ouro Preto. Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto: ABEP, 2002.
- AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J.. **Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais**. Belo Horizonte. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, 2007, 21p.
- AMORIM FILHO, O.; TAITSON BUENO, M. E.; ABREU, J.F. Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativos-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v.12, n.23, 1982, p.33-46.
- CONTI, A. **O Espaço Perimetropolitano de Belo Horizonte: Uma análise exploratória**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2009. 867p.
- CORTEZZI, F. M. **Oliveira-MG: Uma “cidade média” na Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte?** Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte. 2011. 172p.
- CPRM, Serviço Geológico do Brasil. **Análise da Geologia da Folha Pará de Minas – SE.23-Z-C-IV – Escala 1:100.000**. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2012.
- DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 1991, 122 p.
- IBGE, instituto brasileiro de geografia e estatística. **Produto interno bruto dos municípios**. 2014. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 06/08/2014.
- LAJUGIE, J. **Les ville moyennes**. Paris: Cujas, 1974, 216 p.
- SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: GAsPERR, 2001, p. 609-643.